

D. FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Obras Completas, X: Comentário aos Salmos*, introdução, tradução e anotações de Manuel Isidro Alves, XXXVII + 517 pp., Fátima 1991.

Segundo o plano de edição das obras completas de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, este volume constitui o penúltimo e é o único directamente ligado a temas bíblicos. Frei Bartolomeu dos Mártires não é, portanto, um dos ilustres biblistas portugueses do séc. XVI. Os escritos do célebre arcebispo de Braga situam-se mais especificamente no domínio teológico e pastoral, como seria naturalmente de esperar de quem eminentemente se distinguiu nas funções episcopais.

Sendo assim excepcional nos seus objectivos, este comentário é-o também por ter sido escrito precisamente no mês de Setembro de 1561, enquanto o seu autor se encontrava no Concílio de Trento. Ele constitui, deste modo, um espelho da mentalidade religiosa e da espiritualidade vigente naquela época maior para a história religiosa europeia e cristã. Também aqui o autor se move em horizonte de preocupações pastorais (p. XXIII). Por este horizonte de preocupações se compreende o facto de, nos seus comentários, ter atribuído quase cem páginas ao Sl 118 (pp. 292-386), cuja força parenética é particularmente sublinhada. Em contraposição, outros Salmos apenas receberam ligeiro esboço de comentário genérico, como que para simplesmente garantir a sequência. É o que acontece, por exemplo, com os Sl 22, 24 e 25, entre outros.

Todo o prómio, aqui numerado com a numeração romana em seguimento da utilizada para a introdução (pp. XXIV-XXXIX), quando deveria iniciar já a numeração árabe, é uma bela apresentação das virtualidades pedagógico-pastorais do próprio género literário dos Salmos, sublinhando a função da beleza e estética literária com um espaço pedagógico, onde a aprendizagem e o aprofundamento meditativo é facilitado, valorizado e potenciado. Esta função da literatura sálmica define o horizonte geral do comentário de Frei Bartolomeu dos Mártires. E esta perspectiva talvez pudesse sugerir um título português de «Comentários», que talvez se acomodasse mais, também literalmente, ao «Annotationes» da versão original.

Manuel Isidro Alves analisou a construção deste comentário, explicitando e actualizando os dados sobre os autores que constituíram a base da sua elaboração. Foi importante este seu labor, dada a pouca formalização praticada na época relativamente à citação bibliográfica. Por esta análise verificou que o comentário assenta preferencialmente sobre a autoridade de S. João Crisóstomo, Santo Ambrósio e S. Jerónimo e, com enorme destaque, de Santo Agostinho. Os dados que vêm destes clássicos autores e que no comentário aparecem indefinidamente atribuídos foram devidamente investigados e a citação foi concretamente referenciada. Entre os comentadores medievais e modernos, avultam o chamado Campensis, designação do holandês J. van Campen, e sobretudo o francês Vatablus, ambos ainda contemporâneos de Fr. Bartolomeu dos Mártires.

O texto usado para comentar é o da Vulgata, corrigido ocasionalmente pelo recurso ao hebraico, que Fr. Bartolomeu dos Mártires poderá fazer por

conhecimento próprio ou recorrendo à autoridade de hebraístas como intermediários (p. XXII), caso se tenha de admitir que ele mesmo não sabia hebraico.

Manuel Isidro Alves sublinha particularmente (pp. XXVI-XXIX) um conjunto de provérbios, frases e expressões que Fr. Bartolomeu dos Mártires utiliza directamente em português em pleno comentário latino, no geral sem qualquer fórmula de introdução. É claro que, como arcebispo de Braga, ele escreve naturalmente a pensar nos seus leitores e ouvintes. Mas é interessante comparar este dado com a aceitação do seu comentário no estrangeiro. O fenómeno é, de qualquer modo, particularmente extenso neste comentário. São umas oitenta ocorrências, no conjunto dos 150 Salmos. Algum que outro falta ainda nesta lista. Assim, no Sl 131,2 (p. 414), há o genérico de um modismo de juramento em português que não foi indicado na lista apresentada na introdução. E a amplidão do facto justificaria bem um aprofundamento do seu porquê. Verifica-se, no entanto, que o texto destas frases em português do séc. XVI e a tradução que foi feita para o português actual precisavam de ser abordados com maior coerência. De facto, estas frases inseridas tanto aparecem na tradução do comentário destacadas em itálico, como acontece no original e coincidindo assim com a grafia do texto bíblico, como vêm demarcadas entre aspas ou ficam mesmo inteiramente confundidas na grafia normal do texto latino traduzido. Quanto à forma literária destas frases, aquela que se encontra citada em destaque na lista das páginas XXVI-XIX não é igual à citada no original e talvez tivesse sido melhor alistar ali a forma exacta da frase original. Mas a «tradução» dos «lusismos» ali apresentada também nem sempre é igual à que consta na tradução do comentário. E algumas vezes o sentido que se lhe atribuiu na lista é diferente daquele que se assume na tradução do comentário. Veja-se, por exemplo, Sl 90,9, pp. 236-237; 100,10, pp. 254-255; Sl 118,25, pp. XXVIII e 314-315; 138,16, pp. XXIX e 436-437; 140,9, pp. XXX e 444-445.

Na tradução do comentário, nem sempre se garantiu, pela destrição rigorosa entre itálica e caracteres normais, a perfeita distinção entre texto bíblico e texto de comentário.

O A. preocupou-se também em colocar a tradução destes comentários na base actual das ciências bíblicas. Isso levou-o nomeadamente a fazer notas genéricas sobre cada salmo e a adoptar a numeração dos versículos seguindo o original, o que, não coincidindo com a numeração de Frei Bartolomeu dos Mártires (cf. p. 483), pode causar alguma dificuldade.

A riqueza de temas, que num texto deste teor e desta extensão necessariamente se disseminam, por virtude de o comentário ser feito salmo a salmo, aparecem no final recuperáveis para a análise do leitor através do índice de textos bíblicos, do índice onomástico e sobretudo do índice analítico. É que este comentário é inteiramente permeável às preocupações e temas do pensamento religioso do nosso séc. XVI.

Em nome da história da hermenêutica bíblica e da história da cultura portuguesa do séc. XVI, merece o A. todo o nosso aplauso, por nos ter facultado uma edição do texto e sobretudo por nos ter facilitado, pela via da tradução e seus complementos, um melhor acesso ao horizonte de leitura

dos Salmos que propunha aos seus contemporâneos, em pleno concílio de Trento, o arcebispo Frei Bartolomeu dos Mártires.

*José Augusto M. Ramos*

*I Congresso Internacional do Barroco. Actas, 2 vols. de 255 × 185 mm e 1200 pp., Porto 1991.*

A Historiografia Portuguesa vem conhecendo, nas últimas décadas, um incrementado esforço de investigação individual e colectiva. O *I Congresso Internacional do Barroco*, promovido e organizado pela Reitoria da Universidade do Porto e pelo Governo Civil do Porto, foi um dos recentes motivos dinamizadores dessa investigação.

As actas do referido congresso vêm colocar ao dispor do público um vasto conjunto de cerca de oito dezenas de comunicações, subordinadas às seguintes opções temáticas delineadas para o congresso: grandes linhas da sociedade barroca; sensibilidades e comportamentos; misericórdias, irmandades, confrarias e ordens terceiras; encomendações, oficinas e realizações.

O conjunto das comunicações deixa suficientemente estudadas as temáticas da segunda e terceira opções, e, de modo menos abrangente, a primeira e quarta opções. Assim, são estudados os fenómenos do florescimento, nesta época, das confrarias e misericórdias, dentro do contexto religioso, e o impacto que este teve na nova arquitectura religiosa. Abordadas são também as influências e consequências dos novos padrões estéticos na arquitectura, na iconografia, na pintura e ourivesaria. Não ficam esquecidas a cultura e mentalidade da época, criadoras do fausto, cultoras da encenação e teatralização da morte e inovadoras de manifestações festivas, tão caras ao barroco.

Temas como a história política, das ideias e da economia, a arquitectura militar, oficinas e correntes estéticas de produção de talha, azulejaria, artes decorativas e literatura não foram tratados com a insistência que a sua importância faria prever, se bem que haja esparsas referências a manifestações regionais.

A organização estrutural das actas obedece ao ordenamento alfabético dos nomes dos comunicadores; critério imparcial, mas não funcional, uma vez que a organização segundo as convencionais opções temáticas e, aqui, sim, dentro de cada uma, o critério alfabético, poderia resultar de todo em todo mais prático. A quantidade de comunicações implicaria um longo trabalho na elaboração de um índice temático e onomástico. Mas ganharia em muito esta publicação.

Fica, no entanto, uma publicação de mérito na qualidade e diversidade de temáticas estudadas, insinuando o caminho bem longo que a Historiografia Portuguesa ainda tem a percorrer.

*José Manuel Ribeiro*